

## ***Graffiti: Da Transgressão à Arte e o 'Boom' em Fortaleza***<sup>1</sup>

Jan Klever Oliveira LINHARES<sup>2</sup>

Júlio Silva RODRIGUES<sup>3</sup>

Moema Mesquita da Silva BRAGA<sup>4</sup>

Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, CE

### **Resumo**

De maneira a reivindicar espaços e mostrar-se como uma estética da resistência transgredindo os padrões aceitos na sociedade, o *graffiti*, conquistou espaços inimagináveis no Brasil e no mundo. Essa aceitação do graffiti é fruto de uma nova percepção acerca dessa nova estética, que vem ganhando status de arte por ocupar os muros das metrópoles questionando várias manifestações da vida social na cidade. Além dos novos conteúdos estéticos que estão sendo criados, o graffiti aqui no Brasil é responsável por incluir diversos jovens que poderiam seguir caminhos à margem da sociedade. Esta pesquisa dedica-se a discorrer sobre o papel dos eventos e artistas na aceitação e disseminação do *graffiti* na cidade de Fortaleza.

**Palavras-chave:** *Graffiti*; Urbanismo; Sociedade; Fortaleza.

### **Introdução**

A mudança é algo certo em nossa sociedade. A medida que nos desenvolvemos nossos pensamentos evoluem e nossas visões se transformam, coisas são e deixam de ser a todo momento e o que foi errado pode vir a ser certo, ou o contrário. Podemos facilmente observar tal fato nos mais diversos campos como: na ciência, na religião, na política ou até na arte.

É importante destacar que não iremos entrar na discussão acerca da problemática *graffiti* e pichação ou o que é arte e não-arte. Assim como trataremos por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Fa7, e-mail: [janklever@gmail.com](mailto:janklever@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, e-mail: [juliorodriguesp@gmail.com](mailto:juliorodriguesp@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade 7 de Setembro (Fa7), e-mail: [moemabraga@gmail.com](mailto:moemabraga@gmail.com)

artistas todos aqueles, indivíduos ou grupos, que desempenham ou realizam um ofício, que em nosso contexto encontra-se no campo das artes urbanas, o *graffiti*.

Desde sua origem nos guetos e periferias, o *graffiti* participa das transformações urbanas nas cidades, como forma de expressão para reivindicação de espaço e mudanças que atingiu os mais famosos museus e galerias de arte pelo mundo, mas que ainda mantêm seu auge nos muros das metrópoles. Em Fortaleza esse apogeu é fruto de um trabalho em grupo realizado por artistas e amantes do *graffiti*. Esse é o exemplo do Acidum Project que há 10 anos dedica-se a colorir os muros da cidade. Também é o caso do artista Luz, que desde 2008 enche as ruas e avenidas de Fortaleza com suas figuras do cotidiano e traço característico.

É importante ressaltar que o caminho para a aceitação do *graffiti* como expressão artística foi longo e durante muitos anos, a estética criada por essa expressão foi vista como transgressora e perturbadora da ordem.

## **Transgressão**

Segundo o inglês, Garry Hunter, a proliferação do *graffiti* teve início durante a década de 1960 na Filadélfia, cidade mais populosa do estado da Pensilvânia nos Estados Unidos. Com um estilo tipográfico bem característico o *bombing*, como ficou conhecido tal intervenção, era realizado por ativistas políticos para fazer declarações ou por gangues de rua que delimitavam seu espaço.

Foi em Nova York, a cidade mais populosa dos Estados Unidos, que o *graffiti* teve e tem sua maior representatividade. O berço da subcultura do hip-hop viu, na década de 1970, a disseminação da arte em *spray* principalmente nos vagões nos metrô (ver Figura 1). Hunter (2013) ainda completa que:

Lá (em Nova York) os artista usavam *tags* de nomes que fazem referência às ruas onde viviam, como TAKI 183 e Tracy 168, com sua visão estilizada, apropriada como um dos quatro elementos que compõe o hip-hop, do lado da *breakdance*, do *dj* e do rap. (HUNTER, 2013, p. 12)



Figura 1: Vagão de metrô fortemente marcado em Nova York. Foto tirada em maio de 1973 por Erik Calonius. Fonte: The U.S. National Archives

O *graffiti* sempre teve sua origem ligada a uma parte da população menos favorecida entre guetos, gangues ou em um cenário de reivindicação social e política. E no Brasil não poderia ser diferente, "a arte urbana nasce na periferia como meio de imprimir pela cidade os anseios e a presença desses marginalizados" (LINHARES; RODRIGUES, 2015).

Gitahy (1999, p. 35) lembra de um caso que ocorreu em 1988 quando dez artistas foram presos no túnel sob a Praça Roosevelt pela Guarda Municipal de São Paulo quando, às vésperas do aniversário da cidade, resolveram homenageá-la. Todos foram indiciado sob o crime de danos ao patrimônio público, tiveram todo o material apreendido e, após fichados, só saíram sob fiança. Esse caso ficou conhecido principalmente pelos elogios da imprensa nacional, ganhando inclusive a capa da revista *Veja São Paulo* da época.

Outro descaso a ser citado, e dessa vez bem mais recente, é dos três artistas que foram torturados em janeiro de 2016 por seguranças no Rio de Janeiro. Segundo o portal de notícias, O DIA:

Os três (artistas) revelaram que a tortura durou cerca de uma hora, que foram ameaçados de morte, tiveram até os órgãos genitais pichados e foram obrigados a abrir a boca para engolir a tinta spray e a sair correndo do local apenas de cuecas. Um deles teve a perna quebrada em dois lugares pelos golpes. Devido ao ferimento, caiu quando fugia e levou dois golpes pelas costas de barra de ferro. (BARBOSA; MAGALHÃES, 2016)

É intrínseco ao *graffiti*, sob uma visão legal, a sua posição marginal graças aos conceitos de propriedade privada e pública. Em 12 de fevereiro de 1998, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, foi promulgada a lei de número 9.605 que em seu Artigo 65 do Capítulo V, Seção IV previa como crime "pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano" com pena de até um ano mais multa. A lei brasileira difere pichação de *graffiti* e até 2011 ambas eram consideradas crime até ser sancionada, pela presidente Dilma Rousseff, uma nova lei onde a ação de grafiteagem é legal se "realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida" (BRASIL, 2011). A mesma lei prevê também que tintas em *spray* só poderão ser vendidas para maiores de 18 anos e sua identificação vir junto a nota fiscal do produto. Embora já legalizado o *graffiti* ainda permanece vinculado a uma arte marginal e de transgressão. Apesar de alguns fatos ainda mostrarem retrocesso, essa expressão está se consolidando cada vez mais e conquistando diversos adeptos aqui no Brasil.

## Arte

### Precursores

Quando se fala em *graffiti* e arte não podemos deixar de citar Jean-Michel Basquiat e Keith Haring, como dois dos principais epicentros da transformação desse *status* de arte conquistado pelas artes urbanas. Os dois começaram juntos em uma época que não possuíam dinheiro nem mesmo para o almoço.

Ainda nos anos de 1970, Basquiat foi o responsável por estampar seus *graffitis* no metrô e nas ruas dos bairros Soho e East Village em Nova York, região onde circulavam importantes artistas em meio a ateliês e galerias de arte.

Era uma época em que o mercado de arte ainda era dominado pela Pop Arte e pela Arte Conceitual. Eram tempos também em que a ligação entre artes visuais, música, moda e vida noturna tornou-se intensa. Nesse ambiente, os grafites de Basquiat chamaram a atenção dos proprietários das galerias de arte e de *marchands* ávidos por novidades que atendessem à demanda por obras inovadoras, que principalmente reforçassem a aproximação entre alta cultura e a cultura popular. (ANAZ)

Chega a parecer estratégico que as obras de Basquiat tenham sido encontradas nessa região e até hoje seus *graffitis* são expostos pelo mundo. Em 2010, o artista ganhou uma exposição (ver Figura 2) em sua homenagem em Paris. O artista completaria 50 (cinquenta) anos nessa época, mas infelizmente morreu em 1988 de overdose em seu estúdio em Nova York.

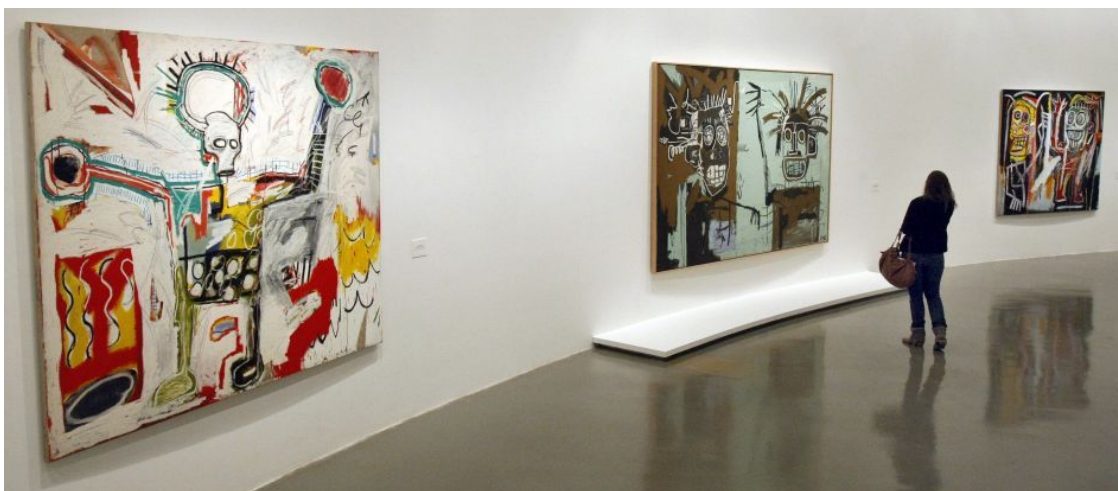


Figura 2: Mostra em homenagem a Basquiat em Paris. Fonte: Remy De La Mauviniere / AP

Já Haring possuía amizade íntima com Andy Warhol, artista da pop arte, e ficou bem conhecido na década de 1980 quando levou seu trabalho à galerias, museus e bienais nos Estados Unidos, França, Alemanha e Brasil, onde em 1983 para Bienal de São Paulo e em 1986 na Galeria Thomas Cohn no Rio de Janeiro.

Desde a década de 1980, vários outros artistas de rua acabaram levando seus trabalhos dos muros, calçadas, marquises e viadutos de suas cidades para exposições, galerias e bienais em países nos cinco continentes. No Brasil, por exemplo, o trabalho dos irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo, conhecidos como Os Gêmeos, teve um grande destaque com obras inusitadas: como a pintura de um castelo na Escócia em 2007 e do Boeing 737 que transportou a Seleção Brasileira de Futebol durante a Copa do Mundo em 2014 (ver Figura 3).



Figura 3: A esquerda o castelo na Escócia com pinturas de Nina Pandolfo, Os Gêmeos e Nunca. A direita o Boeing 737 da Gol grafitado por Gustavo e Otávio Pandolfo. Fonte: Catraca Livre / Divulgação Gol

### **Graffiti em Fortaleza**

Nos últimos anos, Fortaleza viu o 'boom'<sup>5</sup> da arte urbana tomar de conta da cidade. Pichação, *graffiti*, *stencil*, lambe-lambe, dentre várias outras intervenções são encontradas hoje, principalmente na região sul da cidade. Toda essa proliferação fez com que boa parte da população percebesse o *graffiti* como parte da própria cidade e não um 'corpo estranho'. Vera Pallamin (2010) fala da construção de uma significação da arte urbana e das funções da mesma num contexto social.

<sup>5</sup> Onomatopeia de explosão, representando uma notável expansão da arte urbana pela cidade.

Há uma construção temporal de seu sentido, afirmando-se ou infirmado-se. Assim, tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem também rever seus próprios papéis diante de tais transformações: quais espaços e representações modelam ou ajudam a modelar, quais balizas utilizam em suas atuações nesse processo de construção social. (PALLAMIN, 2000, p. 19)

### Eventos

O clichê, 'a união faz a força' representa bem toda a transformação que esteve e está ligado a esse romance entre o *graffiti* e Fortaleza. A cidade é palco do Festival Concreto, um Festival Internacional de Arte Urbana, que pelo terceiro ano promete levar artistas locais, nacionais e internacionais para disseminar seu trabalho sobre a cidade sob um esquema de convocatórias e com a participação da população na cessão de espaço para o trabalho dos artistas.

Outro importante evento, e um pouco mais antigo na cidade, é o Baião Ilustrado. O evento é inspirado no já conhecido encontro de ilustradores de São Paulo, o Bistecão Ilustrado, e une ilustradores, profissionais do design gráfico e artistas. O evento conta com palestras e *workshops* na área, além de um empolgante momento de bate-papo e produção de desenhos inspirados naquele momento, com direito a premiação e sorteios.



Figura 4: Trabalho do Acidum Project no Festival Mural em Montreal. Fonte: Halopigg

### Coletivos

Os coletivos de artistas também são parte da publicidade do *graffiti*, desde o Coletivo Base, responsável pelo Baião Ilustrado, até o já bem conhecido, Acidum Project, com seus trabalhos que rodam o planeta. Em um dos seus últimos trabalhos (ver Figura 4), o Acidum Project aproveitou para levantar uma causa durante um festival no Canadá. Com uma foto divulgada nas redes sociais, os artistas aparecem de braços erguido com punhos fechados ao lado do mural com a frase 'TEMER JAMAIS', em um claro descontentamento com o governo do presidente em exercício, Michel Temer. O coletivo existe desde 2006 e foi criado pelo artista Robézio, conhecido como AC/D1.

Mas há outros exemplos como o do Coletivo Mostra que desde 2011 possui um trabalho ligado ao desenho, a ilustração e a forte influencia dos quadrinhos, em diferentes técnicas e suportes, como o *graffiti*, a escultura, a fotografia e experimentações em vídeo divulgados na internet e vendido em feiras pela cidade.

### Artistas

Seria superficial falar de artistas e como possuem um importante trabalho em Fortaleza sem que haja uma abertura para falarmos de outros profissionais que juntos aos artista transformam o cenário pela cidade. A amizade entre artistas urbanos, designers gráficos, fotógrafos, publicitários, arquitetos, empresários e estudantes em Fortaleza auxiliam para a força da arte cearense.



Figura 5: 'Campinho' de Luz na Galeria Vicente Leite. Fonte: acervo pessoal



Dentre vários artista da cidade, hoje podemos citar dois que possuem trabalhos super bacanas: Luz e Grud. Gleison Araújo, conhecido como Luz, é um artista possuidor de um traço inconfundível espalhados por Fortaleza mas que já alcançou terras estrangeiras e galerias de arte. Em 2014, Luz teve sua obra de giz sobre madeira, chamada 'campinho' (ver Figura 5), exposta na Galeira Vicente Leite em Fortaleza.

Narcélio Grud, ou simplesmente Grud, é um artista e inventor cearense. Narcélio é o idealizador do Festival Concreto e possui um trabalho super ativo em Fortaleza. O artista já esteve em vários países expondo o seu trabalho, em especial na Europa, onde em 2012 participou de exposições coletivas e individuais, fruto de viagens anteriores e contatos que fez após percorrer galerias e museus distribuindo um portfólio digital de artistas cearenses.

### **Internet**

Na sociedade da informação em que vivemos a internet também desempenha um importante papel na proliferação da mensagem de um artista e ultrapassa barreiras devido a toda um rede de convergências, chamada cibercultura.

A cibercultura não pode simplesmente ser considerada como resultado do impacto das redes telemáticas sobre a cultura. Mais precisamente, é a cultura contemporânea que se estabelece como uma cultura de redes, sendo a cibercultura fruto da sinergia entre sociabilidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica. (LEMOS, 2002, p. 111 apud ARRUDA, 2010, p. 3)

O artista contemporâneo sabe fazer o bom uso desse meio do ciberespaço que torna-se um novo suporte de divulgação, exibição e discussão do seu trabalho. O registro digital de um *graffiti* hoje faz parte do *checklist* de um artista. Tornou-se o melhor meio para eternizar sua efêmera arte, que em um muro de uma avenida movimentada pode não durar mais que um dia, mas que na internet ficará o registro de sua doação a cidade e ainda proporcionando publicidade ao seu trabalho.

## Considerações Finais

O *graffiti* não deixou de ser transgressor por ter conquistado seu espaço em galerias e exposições, mas inúmeros fatores contribuíram para que ele viesse a ter uma aceitação e um maior respeito pelo trabalho que é exposto nas cidades. A mudança na lei brasileira é um importante avanço, ainda que apresente alguns detalhes acerca do que é propriedade pública e privada. Que lógica faz pedir autorização a um órgão para se desenhar em um viaduto? A quem pertence aquele viaduto se não a própria população, os transeuntes que por ali passam e todos os demais que pagam seus impostos, fazendo do artista também dono e merecedor daquele espaço.

Precisamos nos entregar a efemeridade desse trabalho nas ruas. É fato que hoje um artista que doa seu tempo na produção de um peça não vai querer vê-la no dia seguinte pintada de cinza ou coberta por um cartaz de festa, mas que se isso acontecer deverá ser aceito, afinal é um espaço público.

Já a conquista do *graffiti* em galerias, museus e exposições talvez seja a etapa seguinte no cerne da arte urbana que sempre teve como causa dar voz e conquistar espaços. O *graffiti* não forçou sua entrada nesses locais, antes apenas de um arte mais clássica ou conservadora, o conquistou com o auxílio, do Festival Concreto, que após duas edições já é aguardado em sua continuação no segundo semestre de 2016.

Após essa superficial análise, manteremos essa discussão nas salas de aula e grupos de estudo afim de entender ainda mais todo o percurso e os processos que favorecem o *graffiti* em Fortaleza e no mundo. Foi interessante perceber como inúmeros fatores fazem parte de uma maior aceitação da arte urbana.

## Referências

ANAZ, Sílvio. HowStuffWorks. **O grafite ganha o status de arte**. Disponível em: <<http://lazer.hsw.uol.com.br/grafite2.htm>>. Acesso em 2 de julho de 2016.

ARRUDA, Byanka da Silva. Revista Eletrônica de Comunicação. **Transformações Culturais na Sociedade da Informação**. Franca: Uni-FACEF, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rec/article/view/466/445>>. Acesso em 10 de julho do 2016.

BARBOSA, Caio; MAGALHÃES, Maria Inês. O Dia. **'Tortura durou uma hora', conta grafiteiro que foi agredido no Saara**. Rio de Janeiro, janeiro de 2016. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2016-01-29/tortura-durou-uma-hora-conta-grafiteiro-que-foi-agredido-na-saara.html>>. Acesso em 13 de julho de 2016.

BRASIL. **Lei de Crimes Ambientais**. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

BRASIL. **Código Penal**. Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011.

GANZ, Nicholas. **O mundo do Grafite: Arte Urbana dos Cinco Continentes**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

HUNTER, Garry. **A arte urbana ao redor do mundo**. São Paulo: Madras, 2013.

LINHARES, Jan Klever; RODRIGUES, Júlio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Explorando as Dimensões da Arte Urbana a partir das Apropriações**. São Paulo: Intercom, 2015.

O POVO. Jornal de Hoje. **Narcélio Grud expõe na Europa**. Fortaleza, setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2012/09/07/noticiasjornalvidaearte,2914832/narcelio-grud-expoe-na-europa.shtml>>. Acesso em 11 de julho de 2016.

PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana**. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

U.S. National Archives, The. **The U.S. National Archives - Flickr**. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/usnationalarchives/>>. Acesso em 11 de julho de 2016.